

Com toldo e tudo, o restaurante do teatro abre sábado

MARIA DO ROSARIO
CAETANO
Repórter especial

O governador José Ornellas vai participar do jantar de inauguração do restaurante do terraço do Teatro Nacional, neste sábado, às 20 horas. Além dele, estarão presentes seu secretariado, diretores de fundações e empresas ligados ao Governo do Distrito Federal, convidados especiais.

O governador e os demais convidados da Comissaria Aérea de Brasília, empresa responsável pela exploração do restaurante, passarão sob o toldo azul, que tanta polêmica vem causando, desde sua instalação, semanas atrás.

O Restaurante do Teatro Nacional será, sem dúvida alguma, uma das maiores atrações turísticas de Brasília. Localizado no terraço do edifício, que tem a forma de uma pirâmide, o frequentador poderá desfrutar uma vista privilegiada de Brasília, abarcando um horizonte de mais de 30 km. Além de avistar toda a Esplanada dos Ministérios, Eixo Monumental, Conjunto Nacional, as Asas Norte e Sul o visitante desfrutará de um serviço de cozinha dos mais gabaritados. A Comissaria Aérea é responsável pelo restaurante do Aeroporto Internacional de Brasília.

Muitos empresários do ramo concorreram à licitação patrocinada pela Fundação Cultural

Athos: "autoritarismo provinciano"

Antes de partir para o Rio de Janeiro, onde supervisionará a instalação das cerâmicas (ou azulejos) que criou para o Museu do Samba, peça do conjunto Passarela do Samba, o popular sambódromo, Athos Bulcão concedeu entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE.

Ele qualificou a manutenção do toldo azul na rampa principal do Teatro como "uma teimosia". Depois de tantos protestos, inclusive os de Oscar Niemeyer, criador do Teatro Nacional, Athos esperava "uma atitude de humildade da Secretaria de Educação e Cultura". Afinal, diz ele, "tudos erramos. Errar é um ato tão humano".

Bulcão diz que "nem devia falar tanto sobre o toldo, pois ele fere mais a Oscar Niemeyer e a uma de suas mais belas construções, que a mim, que só colaborei com os relevos da parede frontal. Minha criação está integrada na obra. A agressão maior é a Oscar, que não foi consultado".

"Reconheço, humildemente, que sou secundário no projeto maior do Teatro. Tanto que, se Oscar Niemeyer quiser construir um toldo, no estilo dele,

do DF, responsável pelo Teatro Nacional. A Comissaria Aérea foi a vencedora. Coube à FCDF implantar todos os equipamentos do restaurante, desde frigoríficos, geladeiras, fogões, mesas e cadeiras e o toldo azul. A Comissaria pagará à Fundação um percentual diário dos lucros e com um mínimo mensal estipulado em dois milhões, reajustáveis.

Com a inauguração do restaurante, o Teatro Nacional estará pronto, em definitivo. Os frequentadores dos espetáculos teatrais, musicais e operísticos da casa poderão, finda a função artística, jantar em grande estilo. Para tal, não necessitarão passar sob o toldo, já que tanto a sala Villa-Lobos (1300 lugares) e Alberto Nepomuceno (80 lugares) quanto a sala Martins Pena (400 lugares) têm entradas próprias. Da sala de espetáculo, escala-se uma rampa (ou usa-se elevador) e chega-se ao restaurante.

Quem não frequenta as funções do Teatro só dispõe, pelas normas da Fundação Cultural, da entrada externa que dá frente para a Estação Rodoviária. Trata-se justamente da rampa onde foi instalado o toldo.

O restaurante fica numa altura correspondente a de um prédio de 16 andares (se forem incluídos os andares subterrâneos). Antes de assentar-se, o frequentador poderá escolher mesas internas ou externas e depois solicitar a la carte o seu almoço ou jantar.

Externa". Esta observação significa que o turista não pode visitar o interior do Teatro, onde estão obras de arte, jardins tropicais, painéis de Athos Bulcão, sem falar nas salas Villa-Lobos, Alberto Nepomuceno e Martins Penna.

Athos conta que a Fundação Cultural deveria designar um guia para acompanhar os turistas, no interior do maior teatro da cidade. O Itamarati faz isso com todos os seus visitantes. Um guia turístico no Teatro Nacional teria evitado verdadeiro vexame, pelo qual passou o criador dos relevos que Ari Cunha vê como "cubos de cimento que fazem a dança das sombras com o passar do sol".

Eis o relato de Athos sobre experiência recente: "Dirigi-me ao Teatro Nacional, acompanhando os arquitetos italianos, Lionele Puppi, catedrático de História da Arte na Universidade de Pádua; e Frederico Mitterle, colaborador de Niemeyer, na Itália, e suas respectivas esposas, ambas professoras universitárias. O Teatro estava fechado. Dirigimo-nos aos seus anexos, pelos fundos, e solicitei autorização para mostrar os

paços do teatro aos visitantes, lembrando que eles eram cole-gas de Niemeyer. O funcionário da Fundação me disse que não tinha autorização para nos mostrar o interior do Teatro e que o palco da Villa-Lobos estava ocupado com papéis que compriam os cenários de uma ópera. Retirei-me com meus convidados, que regressaram para a Itália, sem ver o interior do Teatro".

Feita esta afirmação, Athos pergunta: "Por que os responsáveis pelo Teatro não agem da mesma forma? Para tal, basta ouvir Niemeyer. Se continuarem com a atitude de teimosia adotada até agora, teremos que constatar que está se configurando um ato de autoritarismo provinciano, que não conduz a nada".

DETUR

Nesta semana, o Detur lançou o Guia Turístico do mês de fevereiro, onde se lê, na página 14, sob o título "Pontos Turísticos", a indicação de número oito: "Teatro Nacional — Visita

páculos do teatro aos visitantes, lembrando que eles eram cole-gas de Niemeyer. O funcionário da Fundação me disse que não tinha autorização para nos mostrar o interior do Teatro e que o palco da Villa-Lobos estava ocupado com papéis que compriam os cenários de uma ópera. Retirei-me com meus convidados, que regressaram para a Itália, sem ver o interior do Teatro".

As intervenções sobre a arquitetura brasiliense, que vêm ocorrendo sem autorização de seus criadores só serão solucionadas, segundo Athos, quando os principais monumentos da cidade forem tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IAB: desrespeito à nossa paisagem

O Instituto de Arquitetos do Brasil - Secção DF - enviou ontem documento à secretaria de Educação e Cultura, Eurídes Brito, pedindo providências para a remoção do "abominável" toldo do Teatro Nacional e lembrando ter sido a secretaria em outros momentos, sensível à proteção do patrimônio cultural de Brasília e a "enorme responsabilidade histórica de administradores e cidadãos desta cidade. Eis o documento, na íntegra:

"SENHORA SECRETARIA:

O Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Brasília, vem acompanhando com atenção e interesse, através do noticiário da imprensa, o clamor que se elevou contra a construção de um abominável toldo de lona azul que, supostamente, protege um dos acessos laterais do Teatro Nacional de Brasília - justamente aquele voltado para o Eixo Monumental - cuja paternidade permanece, até o momento, insuficientemente esclarecida.

Muito embora nossa identificação e solidariedade com as manifestações de repúdio já havidas, tanto de parte da comunidade como dos autores da obra original, temos mantido atitude discreta sobre o assunto, por julgar que a respeitabilidade dos manifestantes e a sensatez dos argumentos expeditos seriam, por si, suficientes para motivar as providências reparadoras do erro cometido.

No entanto, ao constatar que, transcorridas mais de duas semanas, nenhuma ação se percebe neste sentido, vimos recorrer a Vossa Excelência - que em outras ocasiões tem se mostrado sensível e preocupada para com os problemas de proteção do patrimônio cultural de Brasília - a fim de que o assunto não caia no esquecimento. Estamos certos de que sob sua atenção direta, não mais tardarão as providências reclamadas pela comunidade brasiliense, visando restaurar a fisionomia

original da importante obra arquitetônica.

Permita-nos também, na oportunidade, refletir com Vossa Excelência, sobre a enorme responsabilidade histórica dos cidadãos e dos administradores desta cidade, face as intervenções físicas, de qualquer porte e natureza, que nela se venham a fazer. Para além do simples zelo na aplicação dos recursos públicos - indispensável a qualquer boa administração urbana - faz-se imperiosa a salvaguarda dos bens significantes, peculiares a esta cidade tão jovem e, talvez, por isso mesmo, tão amilhade desconsiderada. Em razão da freqüência com que se constatam atos de desrespeito à integridade e nossa paisagem urbana, movidos por distintos interesses e produzidos, pelos mais diversos agentes - acreditamos que é chegado o tempo de se adotar medidas preventivas, proporcionais aos danos que se deseja evitar. Por exemplo, a realização de novas obras e as modificações ou acréscimos nas já existentes, deveriam necessariamente estar submetidas a certos critérios gerais, de rigor variável de acordo com as implicações que venham a ter sobre os valores e significados urbanísticos e arquitetônicos, mais duradouros de nossa paisagem urbana. Isto evitaria que sua realização, ou simples autorização, ficasse na exclusiva dependência dos critérios subjetivos ou da duvidosa sensibilidade de pessoas despreparadas para realizá-las ou autorizá-las.

Pelo que conhecemos da atuação pública de Vossa Excelência, acreditamos serem estas preocupações sua também. Assim, receba estes nossos comentários como resultantes de nosso desejo de colaborar com Vossa Excelência no melhor encaminhamento dos interesses legítimos de nossa comunidade. Na oportunidade, aproveitamos para reafirmar à Vossa Excelência, nossos sentimentos de apreço e consideração. (José Carlos Córdova Coutinho, Presidente).